

Lago vira depósito de lixo

DA REDAÇÃO

Semana de faxina no Lago Paranoá. Desde ontem, funcionários do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal (SLU) e do Corpo de Bombeiros percorrem as margens do principal manancial de Brasília. O mutirão de limpeza vai até sexta-feira. Em apenas um dia de operação, as 200 pessoas envolvidas, entre elas moradores da região e funcionários da Caesb, recolheram cerca de 10 toneladas de lixo. Há dois anos, na última limpeza, 15 toneladas foram retiradas em uma semana.

Seis frentes de limpeza estão instaladas ao longo das margens do lago. Até o fim da semana, os 40 quilômetros quadrados de extensão serão percorridos. Caminhões transportam as garrafas, pneus, e até objetos curiosos como caixas de descarga, cadeiras e sofás, para a unidade de tratamento do SLU, onde o lixo é pesado em grandes balanças. Até agora, o lugar que mais acumula sujeira é a região próxima à Ponte do Bragueto, onde desemboca o Ribeirão Bananal, considerado o maior fornecedor de água limpa do Lago Paranoá, cuja nascente fica no Parque Nacional de Brasília.

Fátima Có, diretora-executiva do SLU, explica que o momento para a limpeza é ideal. "O nível do lago está baixo por causa do longo período de estiagem em Brasília". Para baixar ainda mais o nível da água, respeitando o limite mínimo, que é de 999,5m em relação ao nível do mar, a Companhia Energética de Brasília (CEB) tem intensificado a produção de energia, ligando mais turbinas e fazendo com que um volume maior de água escoe do lago.

Resíduos que resvalam para a água são um problema comum em lagos de regiões naturais e urbanas. Mas no segundo caso, no

qual o Paranoá se encaixa, o problema é maior e causa danos ao manancial, muitas vezes irreversíveis. Assoreamento, redução do espelho e do volume de água são alguns problemas. Em 2001, uma medição das águas do Paranoá mostrou que 213 hectares de espelho d'água, o equivalente a 213 campos de futebol, já sumiram desde a construção do lago.

Fontes de poluição

O ambientalista Fernando Fonseca, autor do livro *Olhares sobre o lago Paranoá*, lançado em 2001, explica que mais importante que o cuidado com o lago é, na verdade, a preservação da região que o circunda. A bacia do Lago Paranoá é formada por quatro braços hídricos mais importantes: do Riacho Fundo, do Bananal, do

Torto e Córregos do Gama e Cabeça de Veado. Tudo o que acontece ao longo desses trechos de recursos hídricos e de outras nascentes menores tem forte repercussão onde a água desemboca.

Segundo Fonseca, o pior inimigo do Lago é a retirada da cobertura vegetal do solo. A terra exposta e impermeabilizada só dá uma chance à água da chuva: escorrer em direção ao ponto mais baixo da cidade, o lago. "Tudo o que fica na rua, uma bala, qualquer resto de construção, até mesmo uma ponta de cigarro, quando vem a chuva é levado para dentro do lago", explica.

A maior fonte de energia, lazer, beleza e umidade de Brasília, receptora de drenagem pluvial, que até mesmo dilui o es-

goto tratado de duas estações, é também um indicador de como as pessoas se comportam na cidade. "O lago tem acusado a irresponsabilidade ambiental, principalmente por meio de assoreamento", diz Fonseca, que defende a retirada superficial do lixo das margens, porque já é um passo importante para a preservação.

O Lago Paranoá vem sendo poluído todos os dias e há muito tempo, explicam ambientalistas. No ano passado o vazamento do óleo CM30 de uma obra no Setor Terminal Norte provocou no espelho d'água uma mancha preta de 2km de extensão. A contaminação que chega ao lago diariamente é menos visível, mas igualmente impactante. Reflete a ocupação desordenada

do solo do Distrito Federal, segundo monitoramento da Seduma. Óleo, esgoto, lixo e até agrotóxicos são levados pelos inúmeros córregos que formam a Bacia do Paranoá.

A Bacia do Lago Paranoá é formada por quatro unidades hidrográficas que, juntas, reúnem uma infinidade de córregos e nascentes. São quatro principais ribeirões — do Gama, Riacho Fundo, Bananal e de Santa Maria/Torto — que, por sua vez, são formados por outros riachos de diferentes portes. Dos quatro, o mais vulnerável é o Ribeirão do Riacho Fundo, pois o curso d'água acompanha o crescimento de grandes cidades como Riacho Fundo, Guará e Núcleo Bandeirante, além do Setor Habitacional Vicente Pires.

Breno Fortes/CB



FUNCIONÁRIOS DO SLU PASSARAM O DIA RECOLHENDO LIXO NAS MARGENS DO LAGO PARANOÁ: AGRESSÕES AO AMBIENTE E TRADIÇÃO DE DESCASO DE QUATRO DÉCADAS